

Banqueiros da França querem mais informação

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — Os banqueiros franceses não escondem que estão preocupados com a evolução a curto prazo da economia brasileira e afirmam que estão perplexos com a falta de informação sobre a elaboração de um plano de reforma econômica no Brasil.

O clima geral, aqui em Paris, é de pessimismo, embora tenham sido renovadas as linhas de crédito interbancárias e os bancos brasileiros estejam operando normalmente.

Passada a data-chave de 31 de março, a comunidade bancária já está atenta a duas outras datas: 20 de maio, quando fecha prazo de três meses da moratória decidida pelo Governo brasileiro em fevereiro, se o Brasil não voltar atrás em sua decisão de suspender o pagamento do serviço da dívida externa, os bancos credores terão que contabilizar como não reformantes os pagamentos suspensos. A outra data é o dia primeiro de julho, quando o Brasil terá que negociar com o Clube de Paris os débitos que vencerem a partir de primeiro de julho, já que o acordo de reescalonamento com o Clube, assinado em janeiro passado, cobre apenas os débitos do primeiro semestre de 1987.

“Os banqueiros não gostaram da moratória, nem da decisão do Ministro Dilson Funaro de consultar os Governos, durante sua última viagem pela Europa, em vez de procurar ouvir a primeira opinião de seus credores”, queixou-se um funcionário graduado do maior banco estatal francês. Resumindo a opinião da comunidade bancária, esta fonte assegurou que “os bancos esperam três coisas do Brasil: que restabeleça a confiança dos círculos econômicos e financeiros internacionais em sua política econômica, como acontecia no passado, que recomece a pagar o serviço de sua dívida externa e que deixe de tomar decisões unilaterais”.

Efetivamente, os credores do Brasil estão irritados por duas razões. Uma é o fato de que o Ministro das Finanças deu prioridade às autoridades governamentais em seus contatos na área externa, quando esteve na Europa em fevereiro e a outra é o desinteresse do Governo brasileiro pela opinião dos bancos credores, no contexto da abertura de novas negociações. Há oito meses, “ponderou um banqueiro”, a imagem do Brasil na comunidade bancária não era ruim. Os bancos faziam operações a curto prazo sem dificuldades e as taxas de juros destas operações até baixaram. Algumas abriram linhas de crédito superiores ao que o Governo brasileiro pleiteava, aos poucos, a situação do Brasil ia se regularizando. Agora, que liquidaram a confiança, é preciso em primeiro plano para normalizar a situação, que comece pelo pagamento do serviço da dívida até voltar a confiança dos credores.